

A Concepção de revolução em Pannekoek

Mônica Moreira

monicamb2008@hotmail.com

O objetivo deste texto é fazer uma discussão a respeito da concepção de revolução em Pannekoek, que foi um dos principais representantes do comunismo conselhistas. Este artigo está dividido nas seguintes partes, no primeiro momento faremos uma breve discussão do método dialético. No segundo momento, iremos definir o que foi o comunismo de conselhos, visto que sua compressão é fundamental para entendermos a posição teórica de Pannekoek. Assim, buscaremos na Revolução Russa de 1917, como forma de tornar mais claro o que estamos discutindo, alguns exemplos do que Pannekoek chama de conselhos operários. Posteriormente, a partir de sua concepção, iremos também apresentar os conceitos de capitalismo, Estado e revolução. Por fim, buscaremos em sua obra “A Revolução dos Trabalhadores” a compreensão do que o autor pensa a respeito do conceito de revolução.

O método que iremos utilizar neste texto será o materialismo histórico-dialético. Tomaremos como ponto de partida a definição apresentada por Nildo Viana em sua obra *A Consciência da História: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético*. O autor afirma que este método “é, ao mesmo tempo um recurso heurístico e uma teoria” (1997, p. 76). Para ele este método é pautado na busca da análise do “mundo concreto”, sendo assim, “para o materialismo histórico o ‘concreto’ é o resultado de suas múltiplas determinações e a ‘determinação fundamental’ do concreto que é a sociedade é o modo de produção” (Idem, p. 84). Este método baseia-se em uma expressão teórica que visa a compreensão da sociedade de forma a considerar a sua totalidade que possuem *múltiplas determinações*, mas a

determinação fundamental a ser considerada é o modo de produção.

Portanto, este método se baseia na compreensão dos fatos e da sociedade levando-se em conta o modo de produção em que os indivíduos se utilizam para sobreviver. Pois “o modo produção exerce determinação fundamental sobre a totalidade que é a sociedade” (Idem. p. 85). O método dialético parte do ponto de vista do proletariado já que ele busca de forma concreta analisar a sociedade através do modo de produção que impera na mesma visando a libertação do proletariado.

Após a definição do método, iremos definir o que foi o movimento conselhistas, já que nosso autor em questão foi um dos seus principais representantes. A teoria que seus representantes defendem é que o comunismo só pode ser realizado pela ação direta das massas trabalhadoras. Este movimento político-social surgiu no século XX, na Alemanha e na Holanda, em oposição ao revisionismo da social-democracia e ao bolchevismo de Lênin. Seus principais representantes foram Anton Pannekoek, Herman Gorter, Otto Rühle, Karl Kosch, Paul Mattick e outros. Este movimento revolucionário tinha por princípio básico a teoria marxista de que “é o modo de produção da vida material que fornece a determinação fundamental do conjunto das demais relações sociais” (VIANA, 2001, p. 46).

Este movimento teve como fonte de inspiração e organização as experiências vivenciadas a partir das revoluções que ocorreram na Rússia em 1905 e 1917, na Alemanha de 1918 a 1921, na Itália em 1919, e em várias experiências menos importantes na Holanda, Inglaterra, França etc. Também na Guerra Civil Espanhola etc. Estes fatos históricos demonstraram a

capacidade dos próprios trabalhadores de destruírem o poder que os oprimia, em favor da criação de novas formas de organização conhecidas como sovietes ou conselhos operários, que se pautava na autogestão. Os sovietes foram organizações revolucionárias que surgiram na primeira revolução russa de 1905 em São Petersburgo em oposição ao Estado. Os sovietes de 1905 foram derrotados e em 1917 reaparecem novamente de forma mais específica e com mais força, através de organizações grevistas que “começaram por reivindicações estritamente econômicas e rapidamente atingiram o caráter de greves de massa ou greves gerais com objetivos políticos” (TRAGTENBERG, 2007, p.98). Com isso derrubaram o governo czarista e em 27 de fevereiro de 1917 se instalam no palácio Taurida, em Petrogrado. Este acontecimento que surgiu espontaneamente provou a capacidade de auto-organização das massas operárias. Com o surgimento de formas específicas de conselhos fundados na autogestão revolucionária onde os trabalhadores após realizarem as greves de ocupação das fábricas as colocam para funcionar e elegem os chamados delegados que são os seus representantes para efetuar trocas diretas entre si e entre o campesinato. Nesta sociedade, os operários exercem o seu trabalho de forma livre uma vez que estes se autogovernam.

Com a tomada do poder pelo partido bolchevique, “o sentido dos sovietes muda”; Lênin com sua política de centralização e ditadura do partido sobre o proletariado castra o movimento revolucionário, não deixando que este continuasse com características autogestionárias, defendendo a idéia de que cabia a um partido comandar a revolução e não aos próprios trabalhadores.

Para se compreender a concepção de revolução em Pannekoek, é necessária a realização de uma definição teórica dos conceitos de capitalismo, Estado e revolução, visto que um é decorrente do outro e todos os três termos estão

interligados já que são frutos de um determinado contexto histórico específico que é a sociedade moderna.

O capitalismo é um sistema criado pelos homens, mas, no entanto, ele é desumano, uma vez que sua base está regida na exploração de uma classe sobre a outra. Na sociedade capitalista predomina a propriedade privada, a qual é formalmente assegurada através da sua regulamentação por leis estabelecidas e criadas pelo Estado através dos burocratas. O estado se apresenta então como órgão mediador da contradição das duas classes fundamentais deste sistema que Max classificou como a classe burguesa (detentora dos meios de produção: fábricas, máquinas e matérias-primas) e a classe proletária (que vende sua força de trabalho).

Marx nos apresenta duas características que distinguem o modo de produção capitalista dos demais sistemas de produção que existiram anteriormente. A primeira envolve a mercadoria já que esse regime se caracteriza pela produção destas. Ele afirma que não é a produção de mercadorias que o diferencia dos demais modos de produção, mas sim as circunstâncias em que elas são produzidas, já que neste sistema os próprios trabalhadores são transformados em mercadoria ao venderem sua força de trabalho sendo assim “o trabalho aparece como trabalho assalariado como caráter geral” (MARX, 1987, p.77).

A segunda característica deste regime está pautada na produção de mais-valia. Segundo Marx, é a produção de mais-valia que se realiza através do trabalho assalariado que permite ao sistema capitalista a obtenção de lucro e conseqüentemente a sua razão de ser uma vez que com o lucro “aparece os meios adicionais de produção destinados à ampliação da produção, e que formam parte do lucro, como capital adicional, e a ampliação do processo de reprodução como um processo de acumulação capitalista” (MARX, 1987, p. 79).

A mercadoria foi um assunto que Marx analisou no primeiro volume de *O capital* onde esta é apresentada como uma forma de satisfazer as necessidades humanas sejam elas reais ou construídas. Na concepção de Marx, a mercadoria possui duas propriedades fundamentais que são os valores de uso e os valores de troca. O que determina o seu valor-de-uso é a sua utilidade ou o seu consumo. Já o valor-de-troca é que possibilita que qualquer mercadoria possa ser trocada por outra. Neste sentido, ele afirma “como valores de uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de qualidades diferentes; como valores de troca, só podem diferir na qualidade, não contendo, portanto, nenhum átomo de valor de uso” (MARX, 2003, p.59).

O que determina o valor de troca das mercadorias é o tempo de trabalho social médio gasto para produzi-las; apesar de sua produção ser desenvolvida a partir do trabalho humano utilizando-se de meios de produção que consistem em matéria prima, maquinário e outros. Estes não acrescentam valor à mercadoria, mas é o trabalho humano que agrega valor a elas.

No modo de produção capitalista, quem produz as mercadorias é o operariado, que a mercê das circunstâncias estabelecidas por esse sistema só tem uma coisa para vender, a sua força de trabalho. Este se torna também uma mercadoria, uma vez que a vende e desta forma não tem mais controle sobre ela nem sobre o que é produzido; daí este sistema ser regido sob o antagonismo de classe, sobre a luta de classes.

Sendo assim, o trabalhador é submetido a uma forma sistematizada e organizada de produção onde deve trabalhar de forma a produzir uma quantidade a mais do que o valor que lhe é pago pelo capitalista.

A mais-valia, por sua vez, consiste na exploração, expropriação daquilo que é produzido pelo operário por parte dos capitalistas. Estes compram a mercadoria força de trabalho (que

corresponde à determinada quantidade de horas de trabalho) em troca de um salário que possibilita ao operariado a realização de suas necessidades básicas de sobrevivência.

Na produção capitalista, o trabalho perde o seu caráter natural, passando a ser determinado pela divisão social do trabalho e pela luta constante entre operariado e capitalista. O trabalho se torna possuidor de características alienadas uma vez que quem produz não tem mais poder nem consciência sobre o que é produzido, já que para esta produção lhe foi pago uma quantia em dinheiro que não corresponde ao valor daquilo que foi produzido.

Outro ponto importante do modo de produção capitalista é que ele não absorve toda a força de trabalho disponível, esta é uma forma de controlar os salários dos que estão vendendo sua mercadoria força de trabalho o que acaba por proporcionar então a realização da mais valia de forma mais acentuada. Nos períodos de crise do capitalismo, o principal problema que aterroriza os operários é o desemprego; é neste período que se intensificam as contradições de classe e fica mais evidente a luta de classes. É aí que a revolução aparece como meio dos trabalhadores se libertarem deste sistema, assunto esse que trataremos mais adiante.

Como o principal objetivo do capitalista é a obtenção de lucros, a produção de mercadorias só tem sentido se parte da mais-valia que é extorquida do operário for dividida entre os gastos pessoais do capitalista e a ampliação da produção. Esta é a condição básica da lei capitalista; se uma empresa não consegue se expandir no mercado seu fim é a falência.

A produção de mercadorias não é realizada aleatoriamente. Para que ocorra o lucro é necessário que a mercadoria produzida tenha mercado consumidor; aí está a relação entre valor de uso e valor de troca contido nelas. Devido a esta relação que se estabelece entre capitalistas e o proletariado (exploradores e explorados), cria-se um antagonismo de classe, que gera

a luta de classes, onde o proletariado sente a necessidade de se libertar deste sistema que tanto o oprime. E busca fazer isso lutando constantemente contra a razão de sua opressão, os capitalistas.

Um meio, portanto, que a burguesia encontra para dominar o proletariado e manter intactas as relações de produção capitalistas, é recorrendo ao Estado. Sendo assim “o estado é a principal forma de regularização das relações sociais nas sociedades de classes” (Viana, 2003, p.13). Ele está intimamente ligado ao modo de produção do período a que está inserido. O Estado capitalista é um instrumento da classe dominante, a classe capitalista, onde ele representa os seus interesses. Viana nos apresenta uma pergunta e uma resposta que facilita a sua compreensão.

[...] o que é estado capitalista: é uma relação de dominação de classe (no qual a burguesia domina as demais classes sociais), mediada pela burocracia para manter e reproduzir as relações de produção capitalista. A materialidade do estado é a burocracia (classe social), que é composto pelos indivíduos que são os seus agentes reais. Portanto, a manifestação da autonomia da organização (seu funcionamento) e da classe social (os agentes envolvidos nesses funcionamentos e com interesses sociais próprios) significa a “autonomia relativa de estado”. (VIANA, 2003, p. 31)

O estado na sociedade capitalista é apresentado à sociedade como representante dos interesses gerais da sociedade. Mas na realidade isso não passa de uma ideologia, visto que o estado tem por objetivo manter e reproduzir a dominação de classe. É engano pensar que através do voto ou de um representante partidário a classe proletária está exercendo influência sobre o estado, pois quem determina quem serão os candidatos que irão concorrer às eleições são os partidos nos quais os capitalistas estão inseridos na maioria dos casos.

Para auxiliar a burguesia na manutenção do sistema capitalista, do ponto de vista de (VIANA, 2003) surgem as chamadas classes auxiliares, que tem o poder de controlar toda sociedade através do estado.

A luta de classes travada pelo proletariado contra a burguesia não ocorre no “interior” do Estado, a única luta que se trava dentro dele é a do “bloco dominante”. “A luta de classe ocorre na sociedade (nas fábricas, bairros, escolas etc.)” (VIANA, 2003, p.32). Neste trecho, Viana apresenta o verdadeiro caráter do Estado que se diz representante de todos, mas que na verdade domina e controla toda a sociedade nas mãos de um pequeno grupo (dominante) que não permite a participação direta da classe proletária no comando do Estado. A classe proletária “no estado não tem poder de decisão e sim de reivindicação” (VIANA, 2003, p.33). Sendo assim, a classe explorada só conseguiu benefícios concedidos pelo Estado até hoje através de reivindicações realizadas através de lutas. Contudo, algumas reivindicações das classes trabalhadoras foram aceitas pelo Estado, pelo fato de que isso não afeta diretamente a classe capitalista e ainda lhe garante a legitimação do poder.

O Estado é responsável pela legitimação e regularização das relações de classe através das leis que ele cria para reger a sociedade, e para que elas sejam cumpridas, criam-se mecanismos de repressão para conter as lutas de classes, como a polícia e o sistema penitenciário.

Pannekoek, ao analisar as lutas operárias, percebeu a possibilidade do surgimento de uma nova sociedade, organizada pelos próprios trabalhadores, pois, esta classe nos períodos de lutas revolucionárias demonstrara ser possível a organização de uma nova sociedade, que tem por objetivo comum o bem coletivo. Na sociedade organizada pelos trabalhadores é necessária a extinção do Estado, pois ele não representa o interesse geral da sociedade, mas sim o da classe dominante, e por isso

contribui para que as pessoas continuem na condição de explorador e exploradas. Nesse sentido, toda atividade revolucionária que visa efetivar idéias socialistas tem que ocorrer fora dos órgãos do estado.

Para Marx, a revolução é um meio histórico que o proletariado vai encontrar para se libertar de toda a opressão sofrida por eles no sistema capitalista. Esta é gerada devido a este sistema econômico ser pautado na contradição e no antagonismo de classes distintas e com interesses distintos.

Este sistema é pautado na luta de classes. Para Marx, a classe revolucionária deste sistema é o proletariado e cabe a ele desenvolver uma luta para se libertar, mas isto não deve ser realizado de forma aleatória. Ele deixa isso explícito nesta afirmação:

Uma sociedade jamais desaparecerá antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que possa conter, e as relações de produção novas e superiores não tomam jamais seu lugar antes que as condições materiais de existência dessas relações tenham sido incubadas no próprio seio da velha sociedade (MARX, 1987, p. 83).

Mesmo vivendo num sistema que não permite ao operariado ter uma verdadeira consciência de sua situação enquanto classe, a revolução social virá, pois chegará um momento em que as contradições serão tão grandes, principalmente pela intensificação da exploração desta classe, que a solução virá através da luta que provocará uma transformação no modo de produção.

O proletariado que historicamente vem travando lutas para obter melhores condições de exercer o seu trabalho, terá como única saída travar uma luta final contra a burguesia e todo o seu aparato estatal e jurídico para se tornarem os donos de si mesmos colocando um fim no modo de produção capitalista. Com isso, “ao adquirirem novas forças produtivas, os homens mudam seu modo de produção e, com este, também, todas as relações

econômicas, que nada mais eram que as relações necessárias àquele modo concreto de produção” (MARX, 1987, p. 86).

Para Marx, a revolução deve ocorrer através do conflito de classes, e depois de instaurada a revolução cabe ao proletariado a instalação do comunismo, onde toda a sociedade irá desenvolver seu trabalho de forma voluntária e natural, ao contrário da sociedade capitalista, que tem como modo de produção uma organização pautada na divisão entre trabalho manual e intelectual, e conseqüentemente os indivíduos vão se especializando em determinada atividade passando a dominar apenas certa parte do processo de produção das mercadorias, o que o leva a se tornar um especialista em determinada função. Segundo Marx, na sociedade comunista não haverá esta divisão, pois,

Enquanto que na sociedade comunista, onde o indivíduo não tem uma esfera de atividade exclusiva, podendo se aperfeiçoar no ramo de sua preferência, a sociedade regulamenta a produção geral, possibilitando assim ao indivíduo que faça algo de diferente a cada dia, caçando pela manhã, pescando à tarde, criando gado à noite, e fazendo crítica após as refeições, segundo a sua própria vontade sem nunca se tornar caçador, pescador ou crítico (MARX, 1987, p. 57-8).

Nesta nova organização social que Marx teoriza através da revolução comunista, não haverá mais espaço para organizações de caráter burguês como o Estado e suas leis, a divisão social do trabalho e a propriedade privada, pois após o proletariado conquistar a sua liberdade através de uma nova organização no modo de produção que tem por objetivo a satisfação e liberdade de todos os indivíduos que se libertarão de toda a exploração do sistema anterior a que eram submetidos. Não há mais a necessidade do Estado e portando será exterminado.

Tratar da revolução em Pannekoek é uma tarefa extremamente

complexa, visto que sua teoria defende a implantação de um “*mundo novo*” implantado pelos trabalhadores através da revolução. Sua teoria é contrária à ordem e ao modelo a que estamos vivenciando na sociedade atual que tem como modelo econômico o capitalismo. Sua teoria coloca em xeque a sociedade capitalista, visto que para o autor a revolução é um meio que deve ser atingido pelos próprios trabalhadores onde estes têm que “*subverter totalmente o caráter da produção*”. Ou seja, após a revolução cabe aos trabalhadores comandarem a organização dos meios de produção e da sociedade como um todo. Não haverá mais a relação de classes distintas diante dos meios de produção, uma vez que a sociedade será regida pelos próprios trabalhadores. Portanto, a sociedade que ele defende é uma sociedade sem classes sociais.

Pannekoek compartilha com Marx a idéia de que na sociedade capitalista o trabalho perde o seu verdadeiro caráter natural afirmando que este “transforma-se numa calamidade e numa degradação” (PANNEKOEK, 2007, p. 25), pois, ao ser submetido à vontade de seu empregador o trabalhador não exerce o trabalho de forma livre, e sim de forma alienada. Sendo assim:

(...) para não morrer de fome, os trabalhadores são obrigados a pôr as suas forças à disposição de uma direção que lhe é estranha, para lucros que lhe são estranhos, num fabricar desinteressante de coisas desinteressantes ou de má qualidade. Forçados a dar o máximo que o corpo esgotado pode dar, os trabalhadores gastam-se antes do tempo (PANNEKOEK, 2007, p.25).

Nesta citação, fica clara a idéia que Pannekoek tem com relação ao sistema capitalista. Ele o considera como um sistema que se apropria das forças do proletariado que ao vender sua força de trabalho em troca de um salário perde a sua razão natural de ser uma vez que estão produzindo mercadorias para os seus

patrões; com isso os operários vão se desgastando fisicamente já que neste modo de produção o trabalho é exercido de forma disciplinada e controlada pelo patrão, que na verdade simplesmente por ser dono dos meios de produção, se apropria do que é produzido pelos operários.

A solução que Pannekoek apresenta para acabar com esta exploração de uma classe sobre a outra é através da revolução operária. Para ele é somente através desta que os trabalhadores podem conquistar a sua liberdade e esta só pode ser atingida quando o sistema capitalista ruir através de uma luta comandada pelos próprios trabalhadores. Quando os trabalhadores atingirem este fim, acabará a exploração “já que não haverá mais-valor para o capital, nem apropriação de uma parte do produto social por parasitas capitalistas” (PANNEKOEK, 2007, p. 30).

Como ele defende a criação de um mundo novo, a relação de produção neste novo estágio da sociedade que ele concebe será totalmente diversificada da sociedade capitalista. Ele nos apresenta algumas características deste novo sistema como o:

[...] o fim do lucro capitalista, o fim do subemprego dos homens e das máquinas, a regulação consciente e adequada da produção e o aumento desta produção graças a uma organização eficiente darão a cada trabalhador uma maior quantidade de bens em troca de um trabalho menor (PANNEKOEK, Idem, p.31).

A sua idéia de revolução foi desenvolvida com base nas experiências revolucionárias de três períodos históricos da luta operária tratando-se de: a comuna de Paris, a revolução Russa de 1917 e alemã de 1918. Mas ele se dedicou a analisar e criticar especificamente a revolução russa; nesta os trabalhadores provaram ser possível a organização de novas bases nas relações de produção em oposição ao sistema capitalista, onde não imperava mais a exploração e nem a propriedade privada

uma vez que se organizaram nos chamados conselhos operários. Estes tiveram curta duração no controle dos meios de produção, pois com a tomada do poder de Estado pelo partido bolchevique, sobre o comando de Lênin, que defendia que a revolução deveria ser conduzida por um poder centralizado, já que os trabalhadores não tinham conhecimento nem capacidade suficiente para se autogovernarem e por isso não poderiam se autogerir.

Pannekoek vê no fato dos bolcheviques tomarem o poder, os quais partem do pressuposto e da idéia do partido de vanguarda que representava os trabalhadores, um freio para a realização da revolução dos trabalhadores, pois, estes organizaram a produção através de relações estatais e comandavam os meios de produção que se tornaram propriedade do estado e eram comandados pelos burocratas. Tragtenberg no trecho abaixo nos apresenta a sua visão com relação ao que Lênin chamou de ditadura do partido, para ele:

Essa concepção é a maior inimiga da revolução social, na medida em que a participação construtiva e direta das massas é bloqueada, controlada, supervisionada. Está vinculada á ideologia da ignorância das massas e de sua incapacidade congênita em formular um projeto político-social (TRAGTENBERG, 1988, p.103).

Somando-se ao fato de não acreditar na capacidade do proletariado de se autogerir, Lênin ainda adota o sistema *taylorista* com técnicas tipicamente capitalistas como modelo de produção das empresas que eram administradas por representantes nomeados pelo partido comunista. Argumentando “que o poder estava com o partido e isso garantia a supremacia da classe operária no país. Assim a técnica *taylorista* poderia ser colocada a serviço do proletariado” (TRAGTENBERG, 1986, p. 34).

Pannekoek percebe que a solução para a consolidação de uma revolução não pode envolver partidos políticos mesmo que

estes se posicionem do lado dos trabalhadores, pois a experiência russa é o maior exemplo de que os partidos representam o interesse da burguesia. Pannekoek teceu uma crítica ao governo de Lênin na Rússia, o qual considerava ter realizado uma revolução socialista. Para Pannekoek, Lênin e o partido Bolchevique no poder implantaram na verdade um capitalismo de estado. Sua principal argumentação é que a relação que se estabeleceu entre o Estado e os meios de produção não coincide com os ideais socialistas. A revolução russa, através da hegemonia do partido, portanto, não se consolidou de forma alguma como uma revolução socialista.

Na ditadura imposta por Lênin na Rússia, a divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual continua imperando. Ele se esqueceu que um dos fundamentos principais da revolução socialista, é de que todos devem ter o controle sobre os meios de produção e sobre a própria vida como um todo, esta é uma forma de acabar com a exploração de uma classe sobre a outra.

No seu governo, não houve a eliminação desta característica do modo de produção capitalista, muito pelo contrário, o partido bolchevique, através de uma série de medidas políticas e econômicas, retira todo o controle dos trabalhadores sobre os meios de produção e os transfere para as mãos da burocracia. Assim, continua recebendo sua parte de riqueza extraída dos trabalhadores que continuam sendo explorados.

Para Pannekoek, durante e após o operariado conseguir derrubar os representantes da burguesia do poder, o Estado e os partidos devem ser totalmente abolidos nesta nova sociedade. No trecho abaixo, o autor nos apresenta a verdadeira intenção destes:

O partido operário só tem um objetivo: tomar o poder e exercê-lo. Não contribuem para a emancipação do proletariado, pois sua meta é governá-lo. Mas apresentam seu domínio como se fosse a autêntica emancipação do

proletariado. Tais partidos são aparelhos que lutam pelo poder e, após enquadrar os militantes na linha justa, utilizam todos os meios, visando a constante expansão de sua esfera de influência (Pannekoek, 2008, p. 2).

A revolução deve ocorrer de forma organizada, através de greves de ocupação onde os trabalhadores se instalam nas fábricas e as colocam para funcionar, produzindo o necessário para a sua sobrevivência. Mesmo que as pessoas não produzam todos os produtos necessários para atender as suas necessidades. Por não dispor de vontade para exercer determinada função, visto que nessa sociedade o trabalhador escolherá no que quer trabalhar. Mas isto não será problema, pois uma vez que os trabalhadores tomarem conta das fábricas estes devem eleger um delegado que será o intermediário e o representante que efetivará a troca com as demais fábricas como ocorreu na Rússia em 1917. Ao alcançar este estágio, como já foi dito, não haverá mais sentido a existência do Estado e nem de suas leis.

A revolução dos trabalhadores será uma tarefa árdua, já que a classe capitalista jamais vai aceitar a sua implantação sem lutar. Para conseguir estabelecer esta nova ordem, os trabalhadores devem ter em mente que é somente através da transformação da forma de trabalho que há a possibilidade de se alcançar esta mudança na estrutura social. Para isto tem que haver na luta algo mais do que uma simples busca de melhores condições de trabalho. Devem se ver como os donos e os dirigentes dos meios de produção sem a existência da figura do patrão e do Estado para os controlar e oprimir.

Pannekoek deixa claro que a luta do proletariado deve ocorrer fora das esferas administrativas do Estado. O sindicato que de início tinha o papel de representar o interesse de classe do proletariado, passou a fazer parte do aparelho do Estado e perdeu o seu verdadeiro caráter que era em seu início

representar o interesse desta classe. Sendo assim, a única via de se conquistar a emancipação do proletariado é que eles desenvolvam as suas ações e lutas dentro das fábricas.

Para o autor, a partir do momento em que os trabalhadores se organizarem no interior das fábricas, estas devem ser regidas de forma a atender a participação de todas as pessoas que tiverem relação com a produção. Cada fábrica terá os seus conselhos operários que contará com delegados para representá-los nas assembléias¹.

Após a instauração deste novo sistema em que os trabalhadores transformam a sociedade, estes devem buscar novas formas de organizar a produção de modo a facilitar a forma de trabalho e o melhoramento da produção. Nesta nova sociedade todos terão informações do andamento e do desenvolvimento da produção através de dados estatísticos e contabilizados que permitirão a todos ter pleno conhecimento das relações de produção.

A implantação deste novo sistema de produção coletivo é muito mais que uma simples tomada de poder pelos trabalhadores, pois para conseguirem que este realmente seja implantado, é necessário que os trabalhadores desenvolvam o seu espírito de forma elevada com o mais alto grau de qualidades morais e intelectuais, ou seja, nesta sociedade, todos devem ser

¹ Segundo Pannekoek, a organização das assembléias tem o objetivo de auxiliar na organização da produção social, que é voltada para o interesse da coletividade. Sendo assim, a organização das assembléias são voltadas para a transmissão das opiniões e vontades dos grupos de trabalho. Nas fábricas e oficinas pequenas, onde o número de operários é pequeno, é possível a discussão e tomada de decisões em uma única assembléia. Nas maiores, tal método é inviável, pois empobreceria as discussões. Daí surge a necessidade dos conselhos operários no interior de uma fábrica. Estes são os delegados de várias seções e oficinas da fábrica. Num âmbito de uma cidade, também é possível fazer a mesma coisa, elegendo-se delegados de várias fábricas, bairros etc.

altamente solidários com os demais, superando todas as formas egoístas, individualistas e mesquinhas da sociedade capitalista, que educa os indivíduos para serem eternos concorrentes em todas as áreas de suas vidas. Já que o sistema capitalista impõe aos indivíduos, que eles devem ser os melhores em tudo que fazem, passando então a ver ou a considerar nos seus próximos um concorrente em potencial que deve ser superado. A educação nesta nova sociedade terá por objetivo possibilitar a toda a sociedade em geral uma educação igualitária e solidária e com isso os indivíduos vão criando em seu espírito as bases para a organização dessa sociedade que é pautada no bem e na vontade coletiva.

Pannekoek afirma que as condições espirituais necessárias à implantação da revolução dos trabalhadores, que os transformará em “senhores do mundo”, não será obra das instituições escolares e nem dos meios de comunicação, pois estes na sociedade capitalista têm a função de impregnar nas pessoas uma série de idéias falsas com relação à realidade que visa a permanência deste sistema apresentando-o como um sistema justo e durável.

Segundo Pannekoek, as lutas dos trabalhadores de início surgiram devido a uma necessidade imposta pelo próprio sistema capitalista que em seus períodos de crise tende a intensificar a exploração dos trabalhadores e estes têm como única forma de se libertarem deste sistema uma revolta que gera a luta de forma espontânea. Esta luta é desenvolvida de forma coletiva. A partir deste momento, os trabalhadores ficam cientes de suas forças no momento em que se unem em torno de uma vontade comum que é conquistar a sua liberdade. Sendo assim, este é o ponto de partida para o seu desenvolvimento espiritual.

E na medida em que os trabalhadores estiverem lutando verão que somente através de uma sólida união e de um amplo conhecimento que deve ser adquirido através das experiências passadas

e dos problemas que serão impostos pelas próprias necessidades, que surgirão e imporão aos trabalhadores a necessidade de ampliação de seus conhecimentos, ou melhor, de colocarem seus cérebros para funcionar. E com isso seus espíritos irão se transformando e se desenvolvendo até chegar a um estágio de completa liberdade de pensamento. Como coloca Pannekoek “a auto-emancipação das massas trabalhadoras subentende a autonomia de pensamento, a aprendizagem por si mesmo” (Pannekoek, 2007, p. 166).

No momento em que se inicia uma revolução nem todos os grupos terão as mesmas idéias. A solução que o autor apresenta para a discussão destas idéias é o agrupamento das pessoas em torno de grupos revolucionários, que terão por função a troca de opiniões e discussões, a respeito dos problemas que vão surgindo nos locais de trabalho, o meio apontado por Pannekoek para a organização destes grupos é através das assembleias e dos conselhos, estes terão por finalidade tomar as decisões que devem ser implantadas de forma que atendam a um único objetivo, o bem coletivo de todos.

Para atingir a verdadeira liberdade, os trabalhadores que são os verdadeiros comandantes das fábricas uma vez que são somente por suas ações que estas podem funcionar, devem apoderar-se destas através das greves, para se libertarem e se livrarem da exploração a que são submetidos. Estes têm que lutar para se libertarem de todos os resquícios da velha sociedade. Libertar-se da burocratização, do Estado, de suas leis, dos partidos, dos sindicatos, ou seja, tem que criar um mundo novo, onde impera a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Um mundo onde os que trabalham se autogovernam e buscam resolver os seus problemas de forma livre, no sentido de que toda a sociedade será organizada, tendo por base o interesse da coletividade, que a partir deste momento terão que trabalhar para obter os meios necessários para sobreviver. O trabalho não

será mais dividido, todos terão tempo para se dedicar ao trabalho socialmente necessário e ao trabalho autônomo. Nesta sociedade não existirá mais o dinheiro como forma de remuneração do trabalho, o trabalhador receberá o que lhe cabe de direito através de trocas que serão efetivadas pelas fábricas através de intermediários que serão eleitos coletivamente para representá-los nos conselhos e nas assembléias.

Para concretizar a implantação deste mundo novo que Pannekoek teoriza

em sua obra, não será uma tarefa fácil visto que é à classe operária que compete a realização da luta para libertar a sociedade de sua pré-história, tal como coloca Marx. É mais do que uma simples luta para adquirir o controle dos meios de produção, pois após a conquista, estes devem ser organizados de forma a que esta sociedade não volte a ser controlada novamente por pessoas que se intitulem representantes das demais.

Referências

- MARX, Karl. *Fundamentos da história*. In: IANNI, Octávio (org.). *Sociologia*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política: Livro I*. 21ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- PANNEKOEK, Anton. *A Revolução dos Trabalhadores*. Florianópolis, Barba Ruiva, 2007.
- PANNEKOEK, Anton. *Partido e Classe*. Retirado do endereço virtual: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/08/262311.shtml>. Acessado em maio de 2008.
- TRAGTENBERG, M. *Reflexões sobre o Socialismo*. São Paulo, Moderna, 1986.
- TRAGTENBERG, M. *A Revolução Russa*. São Paulo, Atual, 1988.
- VIANA, Nildo. *A Consciência da História: Ensaio sobre o Materialismo Histórico-Dialético*. Goiânia: Edições Combate, 1997.
- VIANA, Nildo. *O Marxismo Libertário de Anton Pannekoek*. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, Maringá/PR, v. 48, 2005.
- VIANA, Nildo. *Estado, Democracia e Cidadania: A dinâmica da Política Institucional no Capitalismo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2003.